



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CEDUC – CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

KARINNE RODRIGUES DA COSTA

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTUDANTES SURDOS

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

KARINNE RODRIGUES DA COSTA

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTUDANTES SURDOS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Português.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Iara Francisca de Araújo Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

C837r Costa, Karinne Rodrigues da.
Reflexões sobre o ensino de português para estudantes surdos [manuscrito] / Karinne Rodrigues da Costa. - 2020.
24 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Ensino de língua portuguesa. 2. Surdo. 3. Educação bilíngue. 4. Tecnologia assistiva. I. Título

21. ed. CDD 373

KARINNE RODRIGUES DA COSTA

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTUDANTES SURDOS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Português.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti

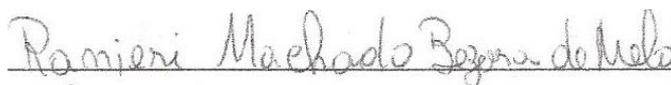
Aprovada em: 10/03/2020.

Nota:

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Ranieri Machado Bezerra de Mello
(UEPB)



Profa. Dra. Dalva Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus e aos meus pais, pela dedicação,
companheirismo e amizade, **DEDICO.**

“Se você conversa com um homem em uma língua que ele entende, alcança sua mente. Se você conversa com ele em sua língua, alcança seu coração” (Nelson Mandela)

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Aula de Gramática 1	18
Figura 2: Aula de Gramática 2	18
Figura 3: Aula de Pronomes	19
Figura 2: Aula de Pronomes Me	19
Figura 5: Aula de Pronomes Te	19
Figura 6: Aplicativo <i>Hand Talk</i>	20

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
TILS	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	20
3 PROPOSTAS TEÓRICAS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTUDANTES SURDOS	11
4 METODOLOGIA	14
5 O ENINO DE PORTUGUÊS PARA SURDOS SEGUNDO OS DOCUMENTOS OFICIAIS	14
6 PROPOSTA DE ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTUDANTES SURDOS NA INTERNET	17
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTUDANTES SURDOS

COSTA, Karinne Rodrigues da¹
CAVALCANTI, Iara Francisca Araújo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal refletir sobre o processo de ensino da língua portuguesa para estudantes surdos. De forma específica, verificar as concepções de ensino norteadoras do ensino de Língua portuguesa para esse público-alvo; identificar as estratégias e materiais utilizados durante o ensino de língua portuguesa para esses sujeitos em documentos oficiais e sites da *internet* e analisar as metodologias utilizadas por professores de português para mediar o trabalho com a escrita da língua portuguesa junto aos estudantes surdos. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo de tipo documental que tomou como objeto de análise documentos oficiais e sites voltados para o ensino de Português para surdos. Os resultados demonstram que os documentos oficiais apontam um avanço em busca da garantia dos direitos em relação à aprendizagem do português como segunda Língua para surdos, porém, ainda há desafios, barreiras que precisam ser superadas para que a proposta de educação bilíngue se concretize nas escolas. Além disso, observamos que as tecnologias assistivas se constituem como grandes aliadas para a contribuição para o desenvolvimento de propostas significativas para o ensino de português voltado a os estudantes surdos, tendo em vista que ampliam as possibilidades de proporcionar interações mais próximas dos contextos reais de uso da leitura e da escrita. Consideramos, a partir das análises que essas tecnologias podem ser inseridas na prática de ensino de português, a partir de uma proposta bilíngue para surdos.

Palavras-chave: Estudantes Surdos; Português como segunda língua; Educação bilíngue.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to ponder on the process of teaching Portuguese language to deaf students. Specifically, to verify the teaching concepts guiding the teaching of the Portuguese language to this target audience; to identify the strategies and materials used during the teaching of the Portuguese language to these individuals in official documents and websites, and analyze the methodologies used by Portuguese teachers to mediate the work with the writing of the Portuguese language among deaf students. It is a qualitative research of documental nature that took as an object of analysis official documents and websites focused on the teaching of Portuguese to deaf students. The results show that the official documents point to a breakthrough in the search for the guarantee of rights concerning learning Portuguese as a second language for the deaf, however, there are still challenges, barriers needing to be overcome for the bilingual education proposal to be implemented in schools. Besides, we note that assistive technologies are the major allies in contribution to the development of meaningful Portuguese teaching proposals to deaf students, as they broaden the possibilities of providing interactions closer to real using contexts of reading and writing. We consider from the analyses that these technologies can be inserted in the Portuguese teaching practice based on a bilingual teaching proposal for deaf students.

Keywords: Deaf students, portuguese as a second language, bilingual education.

¹ Graduanda do curso de Letras Português, UEPB. E-mail: karinne.rodrigues1995costa@gmail.com

² Doutora em Linguística, UEPB. E-mail: iaraupeb@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A história da educação de pessoas surdas aponta um percurso difícil vivenciado por esses sujeitos para a aquisição da língua majoritária de seu País, tanto na modalidade falada quanto na escrita (STROBEL, 2008). No caso do Brasil, o foco do ensino para esse público estava na oralização da língua portuguesa, depois passou-se a acrescentar a utilização de gestos para facilitar a interação dos surdos no contexto social com as pessoas ouvintes.

Depois de uma longa trajetória de insucesso, finalmente, chegou-se à compreensão de que as pessoas surdas poderiam aprender, de forma mais significativa, utilizando a Língua brasileira de sinais- Libras como primeira língua e a Língua portuguesa, por sua vez, como segunda língua, devendo ser trabalhada em sua modalidade escrita (QUADROS, 1997). Porém, mesmo pautado nessa última compreensão denominada de Bilinguismo, o ensino da língua portuguesa para estudantes surdos tem sido questionado constantemente, já que os mesmos apresentam dificuldades em seu processo de aquisição da escrita do português, chegando, inclusive, ao Ensino Médio sem estarem alfabetizados na língua portuguesa.

Os estudos voltados para essa temática apontam para a possibilidade de se trabalhar o português como segunda língua, para esses estudantes, além de ultrapassar a ideia da alfabetização para a perspectiva do letramento. Porém, acreditamos que, na prática, o ensino da língua portuguesa para os estudantes surdos ainda está preso a um modelo ouvintista, que não leva em consideração as potencialidades desses sujeitos, sobretudo, as provenientes de sua língua materna, no caso, a Libras.

O trabalho com a escrita para estudantes surdos requer do professor a compreensão do processo de letramento. Portanto, faz-se necessário que os professores possam ver nos alunos, sua capacidade e seu potencial de maneira que não sejam tidos como sujeitos incapazes de entender e desenvolver suas habilidades na escrita da Língua Portuguesa.

Essa problemática nos inquieta, de modo a formular a seguinte questão-problema: Como se dá o processo de ensino da língua portuguesa para estudantes surdos? Partindo dessa questão, elegemos como objetivo geral: refletir sobre o processo de ensino da língua portuguesa para estudantes surdos. Como objetivos específicos, elencamos: verificar as concepções de ensino norteadoras do ensino de Língua portuguesa para esse público-alvo; identificar as estratégias e materiais utilizados durante o ensino de língua portuguesa para esses sujeitos em documentos oficiais e sites da *internet* e analisar as metodologias utilizadas para mediar o trabalho com a escrita da língua portuguesa junto aos estudantes surdos.

A justificativa para o desenvolvimento dessa pesquisa em relação ao caráter pessoal está relacionada ao envolvimento da pesquisadora com a comunidade surda enquanto Tradutora e Intérprete da Língua de Sinais Brasileira -TILS. A partir da atuação como TILS em ambiente escolar, nos deparamos com uma realidade que mostra um distanciamento entre os professores e os estudantes surdos, decorrentes do desconhecimento das peculiaridades educacionais, linguísticas, identitárias e culturais da comunidade surda. Esse desconhecimento faz com que os professores continuem desenvolvendo práticas que não contribuem para a aprendizagem significativa dos estudantes surdos, sobretudo, em relação ao ensino da Língua Portuguesa.

Em se tratando do cunho social, o desenvolvimento desta pesquisa é importante, pois entendemos que, enquanto estudantes de Letras, futuros professores de Língua portuguesa, temos obrigação de contribuir para o cumprimento da legislação que assegura a todos o direito a educação, conforme a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a Lei nº 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação. Esses documentos oficiais asseguram que as pessoas com necessidades educativas especiais possuem o direito ao acesso e a permanência, preferencialmente, na Rede do Ensino Regular.

Diante destes fatos devemos estar atentos e capacitados para atender e reconhecer as necessidades desse público de forma direcionada, pois, há inúmeras possibilidades de trabalharmos em escolas que incluam estudantes surdos ou mesmo para específicas para surdos. Logo, é necessário pensar e conhecer formas mais apropriadas de ensino para esses estudantes.

Além disso, é importante ampliar as pesquisas voltadas para esse tipo de temática, a fim de contribuir com a comunidade escolar no sentido de fazê-la repensar as práticas de ensino da língua portuguesa, como segunda língua (L2) para estudantes surdos, por tratar-se de um grupo que possui uma cultura visual e uma língua com modalidade viso-espacial, que difere da cultura ouvinte. Ter esse olhar diferenciado nos faz criar significativas possibilidades para o acesso, ampliação do conhecimento e informações culturais na Língua portuguesa.

Sendo assim, essa pesquisa pode constituir-se como uma fonte para se pensar nas propostas teóricas e metodologias que vêm norteando o ensino da língua portuguesa para estudantes surdos e apontar outros caminhos que possam contribuir para que os sujeitos surdos alcancem o direito de aprender a escrever na língua majoritária de seu país, de modo a possibilitar uma maior acessibilidade em relação à sua vida social.

2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A educação das pessoas surdas apresenta um caminho longo de desencontros e percursos possíveis para um ensino qualitativo para esse público-alvo. Fazendo um resgate histórico, podemos observar um trajeto longo de descaminhos entre as propostas de ensino e as reais necessidades de aprendizagem das pessoas surdas. As bases teóricas e filosóficas da educação de surdos são marcadas por três grandes correntes: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

A corrente oralista toma a língua oral como única forma de comunicação das pessoas com surdez. Os recursos metodológicos utilizados são os seguintes: verbo-tonal, aural, acupédico e audiofonatória, todos tendo como ponto de partida e de chegada a oralidade. Nessa tendência, o ensino para surdos acontece através do uso de práticas que não valorizam suas especificidades, ocorrendo assim, a minimização da aprendizagem desses sujeitos.

O Oralismo foi oficializado no mundo, a partir do Congresso de Milão, que ocorreu em 1880. Esse evento resultou em uma completa mudança na educação de surdos, pois, banuiu a língua de sinais e elegeu a metodologia oral como forma exclusiva. Antes, o método combinado de L'Épée que defendia o uso da língua de sinais estava fazendo parte das experiências educativas com pessoas surdas, mas, outros renomados educadores defendiam o método oral, pois, consideravam o uso da língua de sinais prejudicial para aquisição da fala dos surdos, de forma que relegou os conteúdos escolares e deu prioridade ao desenvolvimento da fala, assumindo assim mais um papel clínico do que pedagógico.

A concepção oralista foi um fracasso para a educação dos surdos, então a comunicação total passou a entrar em cena. A Comunicação Total abrange de forma mais flexível os meios de comunicação oral e gestual. Essa perspectiva filosófica serviu apenas para favorecer aos pais e professores, pois tinha como foco apenas fazer com que os alunos estabelecessem a comunicação com os ouvintes. Não estava preocupada com o papel da língua para o desenvolvimento desses sujeitos. Portanto, os alunos continuaram apresentando defasagens tanto na leitura quanto na escrita da língua majoritária e, conseqüentemente, na aquisição do conhecimento dos conteúdos escolares.

Apenas, a partir da década de 1960, a língua de sinais recebeu *status* de língua, pois foi possível comprovar, por meio dos estudos realizados pelo linguista Stokoe, que a mesma possuía todos os critérios de uma língua genuína. Esse fato mudou a forma de se voltar para a

educação das pessoas surdas, suscitando por parte desses sujeitos reivindicações que desencadearam no surgimento do bilinguismo. Na década de 1980 Lucinda Ferreira Brito foi uma das primeiras pesquisadoras de linguística aplicada, sobre a educação de Surdos brasileiros.

Apesar de nos estudos já realizados, serem encontradas algumas dificuldades dos surdos, foi apenas no ano de 1990 que começaram a desenvolver pesquisas com surdos bilíngues, porém os resultados eram ainda pouco conhecidos. A tendência bilíngue, de modo geral, propõe tornar possível o acesso as duas línguas na educação dos surdos. Essa perspectiva tornou-se uma importante conquista para a educação das pessoas surdas, pois visa possibilitar uma melhor qualidade no processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos, uma vez que considera, a Língua de Sinais como língua de instrução a língua majoritária do país como segunda língua. No caso do Brasil, a Libras como L1 e o português como L2. A educação bilíngue é vista por muitos estudiosos como a mais adequada para o ensino de crianças surdas, pois parte de uma língua natural para o ensino da língua escrita.

3 PROPOSTAS TEÓRICAS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTUDANTES SURDOS

A proposta do ensino bilíngue para surdos é assegurada pela Lei Nº 10.436/2002 e reforçada pelo Decreto nº 5.626/2005. No entanto, a maioria das escolas não funciona dessa forma, predominando a língua portuguesa como língua de instrução com o suporte de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais - TILS nas salas de aula. Além disso, as escolas que seguem a política de inclusão têm as salas de recursos para que ofereçam, no contraturno, atendimento especializado aos estudantes com deficiência, no caso dos surdos, ensino específico de Português e Libras. Essas escolas, normalmente, não apresentam estruturas e recursos adequados para receber os estudantes que constituem o público-alvo da educação especial, a exemplo dos surdos.

De acordo com os referidos documentos oficiais, as escolas devem respeitar e utilizar a Libras como L1 e oferecer aos estudantes surdos o aprendizado do português como uma segunda língua, na modalidade escrita. Para tanto, as escolas precisam estar atentas ao cumprimento dos direitos e singularidades dos estudantes no complexo processo de aquisição dessa língua.

Segundo Quadros e Neves (2015, p. 147), “para muitos surdos, resistir à Língua Portuguesa e orgulhar-se da Libras é uma forma de representar a valorização da língua de sinais, enquanto a segunda língua é vista como uma língua de tortura, de opressão, uma língua que remete erros.” Por outro lado, há aqueles que veem o português como uma língua de poder que tem muito mais para contribuir do que atrapalhar, sendo, portanto, uma possibilidade de interagir com o mundo ouvinte.

Diante da importância do ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas, faz-se necessário que as aulas sejam pensadas e elaboradas tendo a Libras como apoio para este ensino. De acordo com a referida Lei de Libras Nº 10.436/2002, a Língua de Sinais não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. Além disso, é preciso que as metodologias utilizadas sejam pensadas com diferencial para os alunos surdos, pois a forma de o professor conduzir pode aproximar ou distanciar os alunos da aquisição da Língua Portuguesa

Em relação ao ensino e aprendizagem das línguas naturais, a perspectiva sócio-interacionista trouxeram contribuições importantes para a compreensão de que o ensino de uma língua não se resume às regras gramaticais, aos significados das palavras presas ao dicionário,

mas às situações sociocomunicativas. Nessa perspectiva, o ensino de uma língua deve ocorrer de modo que “privilegie o texto como unidade de ensino, realidade última do uso da língua em situações e contextos reais de produção de linguagem” (SOUZA, 2004, p. 17).

Isso porque entendemos que os textos estão situados em práticas sociais. Logo, a produção de sentido que emerge das atividades de leitura e de escrita, ultrapassam a relação autor-texto-leitor. Segundo Koch e Elias (2009) que apontam um tripé conceitual a partir do qual as produções de leitura e de escrita devem levar em consideração as interações entre autor-texto-leitor/escritor.

Além disso, os textos estão situados em determinadas práticas sociais e em domínios discursivos específicos. Logo, a produção de sentido que emerge das atividades de leitura e escrita estão situadas em diferentes gêneros textuais que “são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social (...) são entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2003, p. 19), que, mesmo contribuindo para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do cotidiano, se constituem como eventos textuais altamente dinâmicos.

Por meio dessa perspectiva, aprendemos que a língua é viva e constantemente praticada por seus usuários. Portanto, é imprescindível reconhecer a Libras como uma língua natural dos sujeitos surdos, que não serve apenas para favorecer a comunicação, mas para marcar a cultura e a identidade surda. Desse modo, para que haja o aprendizado da segunda língua, faz-se necessária a aquisição da primeira língua pelos estudantes para que possa dispor do suporte linguístico necessário para aprender uma segunda língua e estabelecer as devidas comparações entre a L1 e a L2.

Conforme Quadros (1997), é necessário que os surdos dominem a língua de sinais, pois é desta forma que eles aprendem, palavras, frases, textos e reconhecem os significados através do contexto. Portanto, ter o conhecimento da primeira língua como base em um tempo considerado normal é primordial para que os sujeitos surdos possam aprender e se apropriar da língua majoritária de sua nação. Desse modo, os conhecimentos desenvolvidos na L1 contribuem para a aquisição de L2, que no caso do Brasil são, respectivamente, a Libras e o Português na modalidade escrita.

Mesmo com os avanços nas propostas teórico-filosóficas voltadas para o ensino de pessoas surdas, esses sujeitos ainda têm vivenciado inúmeros desafios no contexto educacional, sobretudo, em relação à escrita. Os estudantes costumam apresentar dificuldades que resultam na realização de construções atípicas durante o desenvolvimento das atividades de escrita.

Há algumas pesquisas na área que discutem sobre a aquisição da escrita por sujeitos surdos, porém diante das dificuldades poucas são as soluções apresentadas por parte dos professores, pelo fato da maioria desconhece a temática da surdez. Portanto, há ainda relatos da existência de surdos em nosso país que são considerados analfabetos funcionais, fato que evidencia a falta de acesso à educação durante sua infância e juventude. Segundo Guarinello,

No Brasil, a grande maioria dos surdos adultos não dominam a língua portuguesa. Além disso há uma considerável parcela de surdos brasileiros que não tem acesso à língua de sinais, ou por motivo de isolamento social ou, principalmente, por opção da família por uma escola que não utilize essa língua, o que causa além da defasagem e impedimento quanto à inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. (GUARINELLO, 2007, p.53)

Essa falta de domínio da língua de sinais causa um grande prejuízo para o sujeito surdo, dificultando ainda mais sua comunicação e sua inserção no convívio social e no aprendizado da L2. Portanto, é “a partir da comunicação, que os sujeitos agem, criam e recriam um ambiente social da vida (TESKE 2013, p.158)”.

Há ainda casos que são observados em relação à dificuldade da aquisição linguística pelos surdos que são decorrentes do isolamento de surdos que nascem em uma família de

ouvintes e os pais não sabem se comunicar. Nesse caso, não acontece uma interação de forma natural entre eles, através de uma língua que seja acessível para os seus sentidos. Esses fatores resultam na aquisição da língua de maneira tardia.

Infelizmente, muitas escolas ainda não entendem que o processo educacional do estudante com surdez precisa acontecer de forma diferenciada para que de fato se tenha uma inserção satisfatória no processo de ensino-aprendizagem. É preciso que a instituição possa oferecer um ensino de qualidade e, acima de tudo, que respeite as necessidades específicas de cada sujeito, sem que seja necessário que os estudantes se adequem às condições oferecidas pela escola.

Desse modo, para que aprendizagem significativa da escrita por estudantes surdos aconteça, é preciso que o ensino seja desenvolvido também de forma significativa, pois segundo Guarinello (2007, p.55) “a falta de atividades significativas com a escrita impede que os surdos percebam sua função social e as diferenças entre a língua majoritária e a língua de sinais”, Na medida em que o ensino passar a ser significativo, os estudantes surdos serão capazes de identificar e aprender as normas e os recursos específicos das línguas e conseguirão utilizá-las adequadamente.

Ao voltar-se para o ensino da escrita, da produção do texto, é preciso que o professor tenha o objetivo não apenas de avaliar o desempenho desses estudantes, mas que busque promover práticas educativas voltadas para favorecer a interação, com os professores e colegas, e proporcionar o conhecimento. De acordo com Zamael (1987, p. 98 *apud* QUADROS, 1997), “a função do texto deve transcender a questão da avaliação: a escrita deve ser a oportunidade dos alunos de expressar inúmeras situações significativas para determinados fins”. Logo, entendemos que a escrita deve estar além da decodificação, deve fazer parte, sobretudo, das práticas sociais, conforme propõe a concepção de Letramento.

De acordo com SOARES (2018) o letramento é o desenvolvimento de comportamentos e habilidade de uso de competente da leitura e da escrita em práticas sociais, portanto, a aquisição de uma língua é uma prática de letramento trata-se da significação da expressão do uso linguístico, considerado uma multiplicidade de habilidades de leitura e escrita. Entendemos que o processo de letramento é ensinar ler e escrever de forma que a leitura e a escrita tenham sentido dentro de um determinado contexto e que façam parte do cotidiano do aluno. Trata-se de:

Uma prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetos circulares como “escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e realização do projeto (KLEIMAM, 2000, p. 238 *apud* CARVALHO e FERREIRA, 2018)

Ao pensarmos o letramento em relação aos sujeitos surdos, é possível encontrar estudantes que, apesar de não terem o incentivo familiar, se esforçam e desenvolvem práticas de leitura e de escrita, e constituem indicativos de letramento, que os permitem fazer uso dos recursos que servem para finalidades individuais e sociais. Portanto, para contribuir para o letramento de estudantes surdos, é preciso promover em sala de aula práticas de ensino de leitura e de escrita que simulem situações reais de comunicação, por meio dos textos que circulam na sociedade de modo a tomar a língua como prática social. Nessa perspectiva, “a leitura e escrita deve ultrapassar o âmbito da sala de aula e ser significativa para a vida. As dimensões dessa segunda língua são amplas e isso deve servir de motivação para os alunos” (ANDERSON, 1994, p. 98 *apud* QUADROS, 1997).

Sendo assim, a aprendizagem da língua escrita deve ser explorada pelo professor de forma que seja satisfatória e que desperte nos alunos o interesse pela aprendizagem. Para tanto, é importante que sejam valorizados os conhecimentos de mundo de modo que possam contextualizar a escrita e atribuir-lhe sentido. Vale ressaltar que os surdos nos dias atuais,

mesmo que ainda tenham dificuldades, já fazem uso da leitura e da escrita de forma espontânea em situações próprias cotidianas, a exemplo da comunicação, por meio das Redes sociais, mas é importante que a prática de ensino no contexto escolar ainda seja repensada, de modo a se voltarem para as práticas sociais e tornem os surdos sujeitos letrados, não apenas decodificadores de letras e vocábulos.

4 METODOLOGIA

Segundo Severino (2007, p.126), “a ciência não se constitui apenas pelo levantamento de fatos ou dados.” Assim é necessário articulá-los a partir de bases teóricas, pois só com a teoria é possível caracterizar como científico os dados empíricos. Portanto, a ciência só é gerada estando vinculada aos dados empíricos.

A presente pesquisa, portanto, está ancorada em teorias que tomam a Libras como L1 e a Língua portuguesa como L2 para estudantes surdos, por meio de uma abordagem sociointeracionista. Logo, o presente estudo ancora-se na abordagem qualitativa, de tipo documental, que, conforme Severino (2007), não se dedica a tratar de cálculos e gráficos de estatísticas, mas, sim, da qualidade dos dados obtidos. Desse modo, toma como objeto a análise os principais documentos oficiais que tratam da perspectiva do ensino, tomando o público-alvo da educação especial, particularmente, as pessoas surdas, a saber: a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação, Lei nº 9394/1996, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Lei Nº 13.146/2015, a Lei de Libras, Lei Nº10.436/2002 e o Decreto Federal nº. 5626/2005. A análise sobre os referidos documentos esteve voltada, sobretudo, para a compreensão das orientações voltadas para o ensino de português para estudantes surdos.

Além disso, realizamos pesquisas em sites da internet a fim de encontrar e analisar recursos das tecnologias assistivas, aplicativos softwares que promovam acessibilidade e autonomia, facilitando na interação entre alunos surdos, ouvintes e professores, em relação ao ensino da Língua Portuguesa para estudantes surdos. Buscamos também por conteúdos que proporcionam acesso ao conhecimento da Língua Portuguesa, disponibilizados por meio da Língua Brasileira de Sinais.

Desse modo, utilizamos aulas do YouTube, no canal do SignaEdu, onde são ministradas aulas de português em libras pela professora Aline e Aulas da TV INES, ministradas pelo professor Heveraldo. Para nossa análise, escolhemos os vídeos nos quais são abordados conteúdos sobre os pronomes ME e TE, do canal SignaEdu e da TV INES sobre a Gramática, no qual é feito um paralelo entre Português e Libras. Escolhemos estes conteúdos por apresentarem o ensino de forma mais significativa e acessível ao aluno surdo são conteúdos gramaticais, mas são abordados utilizando-se da perspectiva de letramento, frases realizadas de forma funcional com o uso da língua no cotidiano. Com base nesses dados buscamos alcançar os objetivos propostos para a pesquisa

5 O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTUDANTES SURDOS SEGUNDO OS DOCUMENTOS OFICIAIS

Ao referir-se a educação de surdos constatamos que é um tema ainda desconhecido por muitos profissionais, nos quais perduram desde a história até os dias atuais, de modo que estes profissionais exigem que os seus alunos surdos devem se enquadrar ao modelo padrão de pessoas ouvintes e aprender falar de forma oral, aos surdos que agem diferente destes padrões exigidos no ambiente ao qual eles se inserem são considerados inferiores ou até incapazes, portanto é imprescindível rever essa forma de percepção ao se

referir as pessoas surdas, pois esta impressão implicará na forma que estes profissionais irão executar suas práticas em sala de aula.

A Lei Nº10.436/2002 reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais- Libras² e outros recursos de expressão a ela associados, portanto, nos últimos anos diante das necessidades existentes no ensino regular podemos identificar que o papel do professor para alunos surdos é diferente, se faz necessário de um atendimento peculiar, dentre os demais conhecimentos nos quais abrangem outras especificidades, para lecionar aos surdos é preciso utilizar da Libras como língua de instrução, portanto é imprescindível que o professor possua não apenas a fluência na língua de sinais, mas tenha a capacidade de transitar em duas línguas para que possa lecionar a estes alunos e realizar um trabalho com maior eficácia, pois é necessário que o professor possa explicar as semelhanças e diferenças entre as línguas durante o ensino da língua escrita na sala de aula de uma escola bilíngue para surdos³

Com base na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), as políticas têm buscado garantias de práticas inclusivas nas instituições escolares com o propósito que estudantes com deficiência possam ter acesso a educação básica e dar continuidade a níveis de ensino mais elevados. Ao observarmos a formação de professores para o ensino de português para surdos na escola inclusiva, percebe-se a carência de docentes qualificados para que possam atender as especificidades da política educacional. O fracasso do aluno a baixa qualidade do ensino remete a formação limitada dos professores em relação as deficiências, as inovações e facilidades alcançadas através das tecnologias digitais, portanto, vem a cada dia sido exigido uma atualização constante dos profissionais da educação, porém o que está proposto nas políticas de formação, ainda é distante da realidade vivenciada nas escolas e no mais ao que se refere a Educação Inclusiva.

Evidenciando o ensino de Português para alunos surdos podemos identificar que são inúmeros os desafios para o ensino de uma L2 ainda mais para quem não ouve, não é tarefa fácil e principalmente quando os alunos não tem aquisição da língua de sinais, como ensinar uma segunda língua? a ausência de sinais específicos para determinados conteúdos que são apresentados se torna um barreira durante as aulas, portanto, é indispensável saber utilizar todo recurso visual que a língua de sinais proporciona a fim de se possa possibilitar ao aluno o entendimento do conteúdo a ser transmitido.

A formação profissional, é um grande aliado neste processo, a falta de aquisição da Libras por parte do professor é um fator bastante relevante, pois são essas situações que deixam muitos surdos distantes de um ensino de qualidade, o Decreto Federal nº. 5626/2005 assegura todo o aluno surdo tem direito a um Tradutor Intérprete de Língua de Sinais- TILS, porém não é apenas a presença deste profissional que irá garantir qualidade no ensino e um bom desempenho na execução de suas atividades, pois os alunos surdos ficam dependendo apenas dos TILS como canal de comunicação para terem acesso aos conteúdos da sala de aula em que estão inseridos, muitos destes nem tem formação específica na área que está sendo ministrada e nem são responsáveis pelo ensino durante as aulas, outra situação ainda mais desafiadora é em casos de escolas que não dispõe deste profissional para que possa está proporcionando ao aluno surdo um ensino inclusivo, ou seja, o aluno está presente apenas no ambiente mas

²Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

³Conforme o Decreto Nº 5.626/2005. no Art. 22. § 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

infelizmente não tem acesso ao conteúdo que é ministrado durante as aulas, pois o professor não tem aquisição da língua de sinais e nem possui o profissional para estabelecer a comunicação neste ambiente.

É evidente que apenas a inserção dos alunos deficientes na escola regular não é o suficiente para proporcionar as devidas condições de aprendizagem, é necessário que os alunos tenham suas especificidades atendidas, por meio de profissionais capacitados e usufruindo de recursos que proporcionem uma inclusão com qualidade, porém a realidade vivenciada por eles no ambiente escolar ainda não é totalmente adequada para atender essas necessidades específicas, segundo a UNESCO:

Não se pode negar o fato de que no sistema educacional brasileiro ainda há lacunas sólidas de recursos materiais (ex.: salas de recursos, materiais e equipamentos) e recursos humanos, como profissionais especializados na área de educação especial e professores (as) com um entendimento claro do que seja inclusão na sala de aula e capazes de ensinar usando metodologias de ensino que são inclusivas.

(UNESCO, 2009)

Portanto, para que sejam adotadas as medidas adequadas em sala de aulas é notório que se tenha uma preparação não apenas de recursos materiais, mas que aconteça a capacitação de profissionais, assim como já está ocorrendo pela inserção da disciplina de Libras no currículo em especial no de formação de professores, conforme assegura o Decreto Federal nº. 5626/2005, todas as escolas e Universidades do País têm a obrigação legal de oferecer Língua Brasileira de Sinais como disciplina obrigatória em todos os cursos de formação de professores e nos cursos de fonoaudiologia.

É de grande importância que proporcione este conhecimento da língua de sinais durante a graduação, assim como já acontece em muitas universidades as aulas são ministradas pelos docentes em grande maioria surdos, e, é neste momento, que muitos tem o primeiro contato com pessoas surdas, a partir de então vivenciam um pouco da sua língua, cultura e percebam os desafios que por eles são enfrentados desde a comunicação no meio social até o acesso ao ensino durante sua trajetória de aprendizagem, profissionalismo e a sua capacidade de transcender, possibilitando a estes futuros profissionais um olhar diferenciado e mais empático com os surdos que possivelmente passarão a fazer parte do seu convívio.

Porém é imprescindível que durante a formação destes profissionais que brevemente estarão atuando nas salas de aulas, sejam ampliadas as abordagens de forma que esteja envolvendo questões principalmente relacionadas ao currículo escolar, apontando a forma como se deve ensinar, a didática os recursos que irão possibilitar um resultado mais satisfatório, e vários outros elementos que contemplem a perspectiva de uma educação inclusiva, portanto é importante levar em consideração que a responsabilidade não é apenas do professor ou do TILS, para que a inclusão aconteça de maneira eficaz para que os estudantes surdos possam ir a diante, se faz necessário que toda escola participe e possivelmente tenham também o apoio da família, de forma que juntos encontrem as melhores estratégias de inserção ao ensino.

Ao ocuparmos a posição de professores ao estar atuando na sala de aula que tenhamos empatia e possamos enxergar os nossos alunos, além das síndromes ou deficiências, pois, se faz necessário ter um olhar sensível e não ignorar as diferenças, mas que possamos valorizar de maneira singular ao planejar as aulas, ter capacidade de pesquisar, criar, adaptar e se preocupar com a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. Dessa vista, é necessário:

como professores(as), que sejamos capazes de nos despir dos imperativos que conformam nossas subjetividades, que nos paralisam frente a diferença. Que possamos colocar em ação práticas que garantam espaço para a diferença enquanto potência, enquanto experiência de formação de todos os sujeitos.

(LOURENÇO & KLEIN, p. 97. 2017)

Devemos observar nos alunos com deficiência o seu potencial, e fazer acontecer a aprendizagem mesmo em meio as diferenças, não devemos limitá-los por não sabermos como agir, que possamos encontrar estratégias de possibilitar a formação de todos os sujeitos, se porventura ainda não há confiança quanto ao seu repertório pedagógico para ensinar estudante com deficiência, que possa ser investido em uma formação continuada, que sejam buscado apoio nos colegas docentes, nos próprios estudantes com deficiência e nas suas famílias, para juntos contribuirmos com um novo fazer pedagógico que inclua todos (as) nas atividades e na vida escolar.

6 PROPOSTAS DE ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTUDANTES SURDOS NA INTERNET

Apesar de alguns desafios é possível pensar em meios para que possam proporcionar o conhecimento de uma disciplina tão importante, como o português, entre as possibilidades de ensino da L2 para alunos surdos, podemos destacar como um recurso de grande eficácia as tecnologias assistivas⁴, como uma ferramenta que pode contribuir de forma satisfatória, pois proporciona à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social, amplia a comunicação e proporciona formas de aprendizagem e execução de trabalhos.

Na perspectiva de Educação Inclusiva estes recursos são instrumentos facilitadores da aprendizagem no qual permite ao aluno com deficiência construir novos conhecimentos, portanto é imprescindível que através desses recursos sejam realizadas as devidas adequações para que facilite o processo de aquisição do conhecimento, de forma que possa minimizar as barreiras existentes.

A utilização de computadores, celulares com softwares, aplicativos que dispõe de ferramentas que visam sua autonomia, independência qualidade de vida e inclusão social proporcionam aos alunos surdos condições de poderem estudar sozinhos na sua própria casa e tirar suas dúvidas através de vídeo aulas que estão disponibilizadas e podem ser acessados a qualquer hora do dia, encontramos alguns canais do YouTube que dispõem de conteúdos acessíveis.

No da TV INES, o primeiro canal bilíngue do Brasil funciona desde 2013 com conteúdos totalmente acessível para surdos, entre os diversos conteúdos produzidos encontramos o programa no qual é apresentado pelo professor Heveraldo, suas aulas são ministradas em língua de sinais, possui interpretação em voz e legenda, para os ouvintes em especial aos que não fazem uso da Libras o que torna o conteúdo acessível, tanto para o público ouvinte como para os surdos no qual possibilita estar em contato com a L1 e L2 de forma escrita. As aulas de Gramática foram divididas em dois vídeos no qual podemos ver as imagens printadas, são aulas expositivas sobre os conceitos e sinais de fonologia, morfologia, sintaxe, vogais, consoantes e as classes gramaticais, como substantivo, adjetivo, artigo e numeral, durante a sua exposição ele apresenta o conceito fazendo um paralelo entre as duas línguas possibilitando a quem assiste uma melhor compreensão do conteúdo que está sendo explanado.

⁴ Lei Nº 13.146/ 2015. Art. 3º III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

Figura 1: Aula de Gramática 1



Fonte: (<https://www.youtube.com/watch?v=Ej-VqeTJREU>)

Durante o segundo episódio são apresentados sobre pronomes e suas variações, advérbios, verbos, preposições, conjunções e interjeições e, por fim, é revisado todo conteúdo apresentado no vídeo anterior e no atual, o professor está sempre transitando na Libras e na Língua Portuguesa a fim de comparar a utilização de cada elemento em ambas as línguas.

Figura 2: Aula de Gramática 2

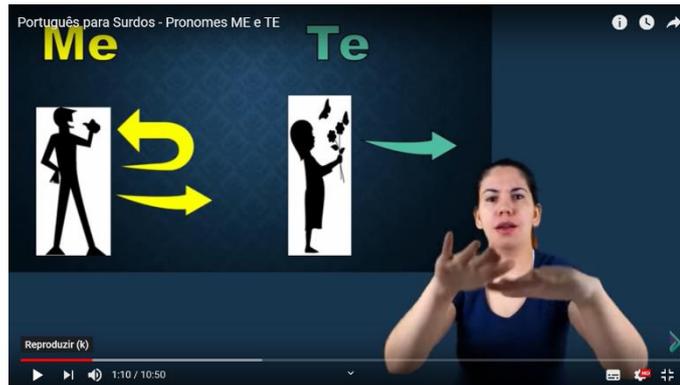


Fonte: (<https://www.youtube.com/watch?v=Mx28l4eIaGE&t=682s>)

Encontramos outro canal, SignaEdu que funciona desde 2015 disponibilizando conteúdos acessíveis totalmente em Libras, uma excelente oportunidade para que os estudantes surdos possam aprofundar seus conhecimentos, sobre diversas disciplinas. Nas aulas de Língua Portuguesa ministradas pela Professora Aline, ela faz uso da Língua Brasileira de Sinais para apresentar os conteúdos, utiliza-se de recursos visuais, imagens, exemplos em que são aplicados no contexto, utiliza-se da perspectiva de letramento aplicando a frases que são realizadas no cotidiano para que facilite o entendimento dos que acompanham o canal. Nesta Aula, especificamente, a professora ministra sobre os pronomes ME e TE.

Observe:

Figura 3: Aula de Pronomes



Fonte: (<https://www.youtube.com/watch?v=e4IxGgsVFvo>)

Quanto a aula ministrada temos a baixo a apresentação de imagens printadas dos vídeos disponibilizados no YouTube relacionados ao ensino de pronomes, em que é trazido pela professora a conceitualização e aplicação através de exemplos a utilização dos pronomes conforme a gramática nos apresenta os usos adequados dos pronomes ME e TE.

Figura 4: Aula de Pronomes Me



Fonte: (<https://www.youtube.com/watch?v=e4IxGgsVFvo>)

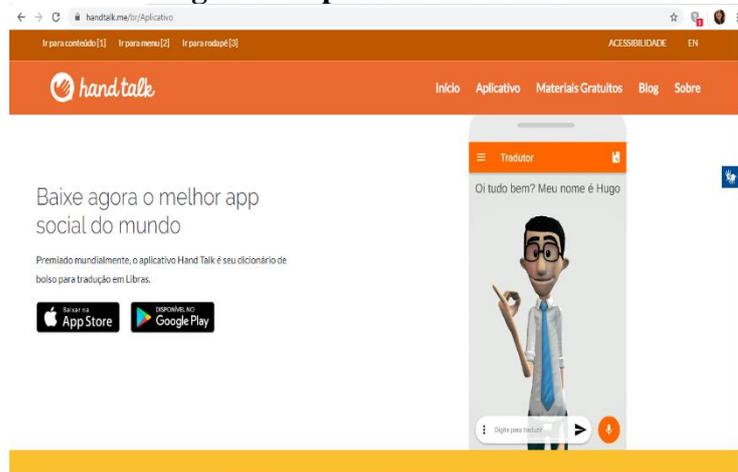
Figura 5: Aula de Pronomes Te



Fonte: (<https://www.youtube.com/watch?v=e4IxGgsVFvo>)

Além destes canais, podemos encontrar aplicativos que possibilitam a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, o *Hand Talk* funciona como um facilitador para os surdos que utilizam a Libras e as pessoas que desejam se comunicar mesmo sem ter o conhecimento da Língua, por meio deste é possível realizar a tradução de áudio e textos para os sinais em Libras, funciona como dicionário de bolso, fácil acesso ao alcance de todos, pois é gratuito e pode ser baixado no *Google play* ou na *AppStore*.

Figura 6: Aplicativo Hand Talk



Fonte: (<https://www.handtalk.me/br/Aplicativo>)

Essas ferramentas tecnológicas favorecem o trabalho em sala de aula podem ser utilizadas como estratégias didáticas durante o ensino de Português para alunos surdos no qual possibilita acesso aos conteúdos que anteriormente eram limitados, portanto é necessário que o docente tenha um bom planejamento utilize as estratégias necessários para está fazendo uso em suas aulas de ferramentas tão proveitosas, o ideal seria que pudessem interagir diretamente com seu aluno realizar atividades bilíngues, utilizar vídeos, filmes, o lúdico, a fim de facilitar o entendimento desses sujeitos de forma mais atrativa e visual.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa nos levou a compreensão de que aquisição de uma L2 é de extrema importância para os alunos surdos, pois as atividades de leitura e de escrita ultrapassam o âmbito da sala de aula. O ensino da língua portuguesa contempla os usos de uma língua significativa para vida.

As dimensões proporcionadas pela aquisição da L2 têm um alcance social amplo para os estudantes surdos. Por isso, é importante que os professores possam desenvolver atividades significativas nas aulas de língua portuguesa não só como primeira língua para ouvintes, mas também como segunda língua para surdos. Isso porque, além da sua L1, os surdos podem utilizar a L2 para interagirem no meio social, assim como muitos já fazem de maneira espontânea usufruindo da tecnologia, utilizando-se da “internet”, redes sociais, valendo-se da leitura e escrita.

Vimos que o desconhecimento e a ausência de qualificação profissional para trabalhar com estudantes surdos é um grande desafio para o processo de ensino desses estudantes. Há, ainda, muitos profissionais que desconhecem a Língua de Sinais e perdem as oportunidades de

interação e intervenção escolar. A ausência da instrução na língua de sinais muitas vezes, limita e até impossibilita a participação dos surdos durante as aulas, o que impede de estarem sanando suas dúvidas. Seria de grande importância que os docentes pudessem aprender a Libras para ter um contato mais direto com o aluno, de modo a favorecer um processo de ensino e aprendizado mais dinâmico.

Observamos por meio dos documentos oficiais que há um avanço em relação à garantia de direitos em relação à aprendizagem do português como segunda Língua para surdos, porém, na prática há ainda desafios, barreiras que precisam ser superadas. Com bases nesses documentos, é possível vislumbrar caminhos para práticas mais inclusivas que possam possibilitar uma aprendizagem eficaz para os estudantes surdos.

Ao longo dessa pesquisa, apresentamos algumas possibilidades de ensino do Português como L2 para pessoas surdas, a partir da utilização dos recursos tecnológicos, aplicativos com tradutores simultâneos de Libras e Língua Portuguesa e exemplos de vídeo aulas em uma perspectiva bilíngue.

Diante das análises realizadas dos vídeos dos Professores Heveraldo e Aline, percebe-se a possibilidade de desenvolver com êxito o ensino do Português para alunos surdos, pois há uma exploração de recursos visuais, a explicação de conceitos e a aplicação prática de uso das palavras dentro do contexto, mostrando a sua significação. Além disso, as aulas estabelecem um paralelo da L1 com a L2, de modo a buscar promover uma melhor compreensão do conteúdo.

Esperamos que essa pesquisa possibilite aos docentes repensarem as suas práticas de ensino de Língua portuguesa para estudantes surdos, de modo a torná-las mais inclusivas. É importante o desenvolvimento de pesquisas como essa que contemplem a socialização de estratégias e recursos didáticos que possam ampliar as possibilidades existentes para se trabalhar o ensino de Português para surdos, de forma mais prazerosa e significativa. Através dessa pesquisa, ansiamos contribuir para uma compreensão maior em relação às propostas de ensino de português para alunos surdos, bem como para o reconhecimento das possibilidades que proporcionam melhorias e que podem estar inseridas na prática do ensino de português para este público-alvo, ressaltando a importância desta disciplina no currículo escolar e no cotidiano dos alunos.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: Ideologias e práticas pedagógicas. 4.ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em 08 de Jan de 2020.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em 27 Fev de 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 8 de Jan de 2020.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 8 de Jan de 2020.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva a Educação Inclusiva**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf> Acesso em 29 de Fev de 2020.

CARVALHO, Kelly Cristiane Henschel Pobbe de; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa**: diálogos entre a escola e a universidade. São Paulo: BT Acadêmica, 2018.

FÁVERO, Osmar; FERREIRA, Windiyz. **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: UNESCO, 2009.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2007

KOCK, I.; ELIAS, V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2008.

LODI, Ana Cláudia B. et al. (Org.). **Letramento e minorias**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

LOURENÇO, Carine Bueira; KLEIN, Rejane Ramos. **Inclusão e Aprendizagem**: contribuições para pensar as práticas pedagógicas. Curitiba, Appris, 2017.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONISIO et. al. (Org.). Gêneros textuais e Ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MOURA, Débora Rodrigues. **Libras e leitura de língua portuguesa para surdos.** 1 ed. Curitiba, Appris, 2015.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

RIBEIRO, Thiago; SILVA Aline Gomes da. **Leitura e escrita na educação de surdos: das políticas às práticas pedagógicas.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Modalidades e Metodologias da Pesquisa Científica** In: Metodologia do trabalho científico. 23 ed.rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STROBEL. Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2018.

SOUZA, Maria E. Vieira. O fazer pedagógico nos PCNs do ensino médio. In: SOUZA, Maria Éster ierira de; VILAR, Socorro de Fátima P. (orgs.). **Parâmetros curriculares em questão: O ensino Médio.** João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL. **Libras.** Curitiba: Ibplex, 2009.

AGRADECIMENTOS

A Deus por cada vitória vivenciada durante este percurso, pois permitiu que os desafios servissem de aprendizados. Eu poderia simplesmente ter desistido, recuado, enfraquecido, mas tenho um Senhor que me dá forças para seguir em frente. Foi Ele quem abriu para mim portas que jamais imaginei alcançar. Sirvo a um Pai que me sustenta e me mostra que vale a pena viver todos os dias, apesar de todas as dificuldades e temores suas palavras me consolam, alegram e sustentam! É Ele o autor de todas as bênçãos que já conquistei!

Ao meu pai por todo esforço, auxílio e contribuições para que eu alcançasse um desenvolvimento satisfatório nos estudos. A minha mãe por motivar e incentivar o meu ingresso na Universidade, por orar e me fazer superar a cada um dos meus limites. Aos dois, em especial, sou grata por terem dedicado toda vida e, mesmo em meio às limitações, ofereceram a mim e a minha irmã o de melhor, nos guiando a caminhos vitoriosos sempre acreditando que é possível transcender.

A minha irmã Haline e meu cunhado Heitor pelo companheirismo, união e amizade. Sou grata por cada vez que se dispuseram a ajudar, por terem durante este trajeto me dado um dos mais especiais presentes: meu sobrinho Davi Isaque, me fazendo sentir uma das maiores alegrias, gratidão e carinho.

Aos amigos que estiveram junto comigo nesta jornada, em especial a comunidade surda, aqueles que integram minha vida e contribuí de forma única, os professores surdos desta e de outras instituições que me motivaram durante a graduação a desenvolver esta pesquisa, a fim de contribuir com melhorias no ensino de Português para surdos. Aos colegas de turma que em suas singularidades contribuíram e fizeram ser mais leve toda essa rotina diária de estudos. Uns bem de perto, outros mais distante, mas todos tornaram a nossa turma a mais “top”! Sou grata pelo companheirismo construído! Que possamos desfrutar de futuros promissores.

Aos professores que já atuam no ensino de Português para surdos, por toda motivação e experiência compartilhada para que esta pesquisa se tornasse realidade, em especial, a Prof^a Dra. Elaine Reis que me guia, desde as primeiras jornadas de inserção na comunidade surda, mostrando inúmeras possibilidades e sendo exemplo de esforço e determinação em cada uma das suas conquistas.

Aos professores que fazem o curso de Letras da UEPB, por terem contribuído de forma significativa para o nosso aprendizado, compartilhando seus conhecimentos durante o curso. Todos tiveram uma grande importância e nos deixaram enriquecedoras experiências. Agradeço, em especial, a coordenadora do curso de Letras e minha orientadora, a Prof^a Dra Iara Francisca Araújo Cavalcanti por sua acolhida, empenho e dedicação, desde as disciplinas curriculares, com suas indicações de leituras e disposição para fazer do tempo sempre algo oportuno para realização das atividades acadêmicas, particularmente, por ter aceitado o desafio de orientar a presente pesquisa.